

AS MUITAS VOZES DO PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

THE MANY VOICES OF THE EUCHARISTIC CELEBRATION'S PRESIDENT

PAULO F. DALLA-DÉA(*)

RESUMO

O texto mostra como o presidente de uma celebração vibra – mesmo sem saber – diversas vozes ao mesmo tempo, enquanto celebra: os elementos básicos da celebração eucarística, a gestualidade que se reveste sua própria voz e a voz da comunidade, a voz da Igreja, enquanto Magistério, a voz de Cristo e outras vozes não oficiais, inaugurando diálogos que continuam dentro e fora da celebração em si. A partir da visão bakhtiniana, o texto visa ler o desempenho litúrgico do celebrante com outra ótica, integrando olhares novos e colocando em perspectiva ângulos novos da *persona* do presidente. Não são olhares conflitantes, mas que podem ser sobrepostos e mostram em camadas os elementos diversos que compõe a *persona* de um presidente. Essa nova possibilidade de interpretação mostra o quanto é complexo e rico a presidência de uma assembleia celebrativa.

PALAVRAS-CHAVES: Celebração. Presidência. Vozes. Eucaristia. Bakhtin

ABSTRACT

The text showing how the president of Eucharistic celebration vibrates – in no conscientious way – performing many voices in the same time, when celebrating: basic elements of Eucharistic celebration, the gestural performance, the own voice and the community voice, the Official Catholic voice, the Christ's voice and other non-officially voices. This way inaugurates dialogues in and out celebration. From Bakhtin's view, the text aims to read the liturgical performance of the celebrant with another point of view, integrating new insights and putting in new angles perspectives of the persona of the president. They are not in conflict looks, but that can be layered and layered show the various elements that make up the persona of a president of the liturgical assembly. This new interpretation shows how complex and rich the presidency of a celebratory assembly.

KEYWORDS: Celebration. President. Voices. Eucharist. Bakhtin.

Nas comemorações do 50.^o aniversário do Concílio Vaticano II, queremos abrir caminhos novos na reflexão sobre a Eucaristia, olhando as mesmas realidades por outros olhares, possibilitando novas ideias e novos argumentos. Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) não é um autor muito conhecido nos meios teológicos e nem muito utilizado nessa área do conhecimento. Esse filósofo e linguista russo é estudado em vários setores do conhecimento, especialmente na filosofia da linguagem e na análise do discurso (de linha não francesa). Mas não é muito conhecido nos meios teológicos, a não ser um pouco na área de exegese, onde os seus conhecimentos sobre o discurso são aplicados à Bíblia por (ainda) poucos biblistas. Na área de Teologia Sistemática e na Pastoral ele é praticamente um desconhecido. Contudo, aposto

(*) Pós-Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Laval (Canadá), doutor em Educação e Religião pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo-RS. Professor de Filosofia da UNIESP em Jaú-SP. Email: paulo_fernando@hotmail.com

nele com relação a que ele nos ensina em termos de linguística e análise de discurso. Podemos fazer alguns avanços ao prestarmos atenção a ele e às nossas realidades eclesiais. O presente texto deve ser considerado um ensaio, juntando a análise bakhtiniana e seus conceitos e as nossas práticas litúrgicas atuais.

Ao vermos a Eucaristia gostaríamos de fazê-lo tendo em vista a presidência da celebração. Presidir uma Eucaristia não é só chegar e se colocar na frente de uma comunidade orante, mas é ter – em si – inúmeras vozes que se sobrepõem ao celebrante. Ele não é apenas ele, mas como *figura coletiva*, ele é ele e mais muitos outros. Na sua voz, falam e silenciam muitas outras vozes. Isso é o nosso escopo aqui: a partir das categorias e do olhar bakhtiniano, ver a pessoa do presidente de uma celebração e os discursos que ele fala (e que falam por ele) ou que são silenciados.

Há muitas vozes ressoando ao mesmo tempo na pessoa que preside uma celebração litúrgica. Vozes oficiais e não oficiais; vozes que se manifestam no discurso verbal e vozes que silenciosamente falam com outros discursos (o não verbal). A pessoa do celebrante é uma caixa de ressonância que faz vibrar nele todas as cordas e todas as vozes, harmônicas ou não, que falam nele, com ele e por ele. O pensamento e a escrita bakhtiniana nos falam desse tema e nos ajudam a pensar sobre isso.

1 ESTADO DA ARTE

Como diria Bakhtin, “Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência não poder nem dever terminar”. (BAKHTIN, 2008, p. 293). Ou ainda:

[...] a natureza dialógica do discurso manifesta-se nela com imenso vigor e sensibilidade marcante. O estudo metalingüístico dessa natureza, particularmente das múltiplas variedades do discurso bivocal e sua influência em diversos aspectos da construção do discurso, encontra nessa obra matéria excepcionalmente abundante. [...] O discurso representável converge com o discurso representativo em um nível e em isonomia. Penetram um no outro sob diferentes ângulos dialógicos. Como resultado desse encontro e novas funções da palavra, que tentamos caracterizar nesse capítulo. (BAKHTIN, 2008, p. 310)

Quando falamos de discurso e de sua análise, temos que pensar que muitas coisas também são signos, numa visão mais abrangente e integradora da comunicação.

Se tomarmos o texto no sentido amplo de conjunto coerente de signos, então também as ciências da arte (a musicologia, a teoria e a história das artes

plásticas) se relacionam com textos (produtos da arte). Pensamentos sobre pensamentos, uma emoção sobre a emoção, palavras sobre as palavras, textos sobre os textos. É nisto que reside a diferença fundamental entre nossas ciências (humanas) e as ciências naturais (que versam sobre a natureza), embora também aqui a separação não seja estanque. No campo das ciências humanas, o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro que manifesta sua vontade, sua presença, sua expressão, seus signos, por trás dos quais estão as revelações divinas ou humanas (leis dos poderosos, mandamentos dos antepassados, ditados anônimos). (TODOROV, 1997, p. 329-330.)

Nessa citação de Tzvetan Todorov¹, do prefácio de *Estética da Criação Verbal*, vemos como pensar de uma forma mais abrangente: *signos são onipresentes na cultura humana*. Segundo Bakhtin é a partir dos signos que nós somos formados e que nossa inteligência se desenvolve em humana. O signo é anterior ao homem concreto e molda a inteligência, possibilitando a consciência do ser humano.

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 1992, 378).

Pensados dessa forma, os signos são quase onipresentes na realidade humana, já que são os constituintes da linguagem e do pensamento humano e nos possibilitam ter comunicação possível comigo mesmo, como o outro e com Deus. O ser humano é ideológico por natureza, porque formado pela linguagem, que é ideológica.

Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a “atividade mental”, que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia. Contudo, todas estas relações são inter-relações recíprocas, orientadas, é verdade, mas sem excluir uma contra ação. O psiquismo e a ideologia estão em “interação dialética constante”. Eles têm como terreno comum o signo ideológico: “O signo ideológico vive graças à sua realização no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico”. (VOLOSHINOV, 1996, p. 17)

Não pensemos em ideologia no sentido marxista clássico, mas Bakhtin tem outra definição de ideologia, mais ampla e mais conforme a realidade da linguagem.

Tudo o que é ideológico possui um significado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (BAKHTIN, 2006, p. 29)

¹ Nascido em Sófia, 1939, é um filósofo e linguista búlgaro radicado na França desde 1963.

Portanto, ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o universo dos signos. Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir assim um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer esta realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.) o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos; são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico possui um valor simbólico. (BAKHTIN, 2006, p. 30)

Não podemos nos esquecer de que Bakhtin é filósofo da linguagem, mesmo sendo russo e tendo vivido a revolução comunista. Contudo, a partir da definição de ideologia dada agora, podemos ver que a sua linha de raciocínio não segue necessariamente a linha marxista, nem a revisionista, nem a mais estrita. Não é contra o marxismo, mas não se atém a ele, refletindo o que interessa para a sua investigação. Creio que, para nossas observações a seguir, ele terá muita coisa a ir mostrando, em matéria de conceitos úteis para nossas reflexões. Até aqui, já nos ajudou a pensar e a alargar nossos conceitos. Com base nessas pequenas observações iniciais, vamos começar a pensar um pouco mais sobre as vozes escondidas e manifestas na pessoa do presidente de uma celebração².

Se toda a realidade é constituída por signos da linguagem e ela é onipresente em relação ao ser humano e às suas relações, então toda realidade humana tem camadas de significado que devem ser descobertas: elas são vozes que devem ser analisadas e ouvidas, mesmo que antes elas tenham sido silenciadas.

Todo conjunto verbal, se for grande e criativo, constitui um sistema de relações marcado pela complexidade e pela pluralidade de seus níveis. Uma atitude fecunda para com a língua exclui a palavra separada da voz, a palavra da pessoa. Em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas (a voz dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente. (BAKHTIN, 1992, p. 386)

² Quero lembrar que estou me limitando a pensar as coisas em contexto católico, portanto, se o leitor sentir a falta de algo, lembre-se que não estamos refletindo sobre o contexto ecumênico, embora muito do que se fale nas próximas páginas não deixe de ser pertinente para outros contextos também.

2 AS VOZES DOS ELEMENTOS DA MISSA

O consenso entre os teólogos da liturgia é que se exige ao menos pão e vinho, leitura do Evangelho, invocação do Espírito Santo e narrativa da Ceia, assembleia³ e o presbítero/presidente. Alguns elementos são inanimados, mas outros precisam de vozes para que se reconheçam humanos. E mesmo os elementos inanimados precisam de uma voz humana para que os façam passar de contexto.

O presidente⁴ é elemento humano aglutinador entre os elementos. Nele ressoam os outros. O evangelho precisa do padre para a sua proclamação pois não se lê sozinho. A invocação do Espírito Santo e a narrativa da Ceia são feitos por ele também. A assembleia – mística ou presente – se alterna ao padre para dar-lhe alteridade na celebração⁵. O próprio padre, que também é um cristão, tem que ter a sua intenção de celebrar aquela liturgia (e não fazer um treinamento celebrativo ou teatral, por exemplo). Desta forma, a intenção que ele tem que ter faz parte do aspecto emotivo-volitivo de sua fé. Sem acreditar em Cristo e na sua obra não faz sentido nenhum celebrar a Eucaristia. Por isso, ele não só é necessário na *performance* da celebração para que ela se desenvolva, mas também é elemento aglutinador dos diversos elementos colocados como necessários para a celebração do mistério. O padre é mais do que si mesmo.

Bendito sejas, Senhor Deus do universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano, que agora vos apresentamos e para nós se vai tornar pão da vida. Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo vinho que recebemos de vossa bondade, fruto da videira e do trabalho humano, que agora vos apresentamos e para nós se vai tornar vinho da salvação. (Missal Dominical e Festivo, p. 197-198).

Esse oferecimento, adaptação católica da bênção hebraica do vinho, faz o presidente emprestar sua voz ao louvor de Deus dado por toda a criação. O Cântico de Daniel 3,57-88.56 convida todas as criaturas a louvar o Senhor e a

³ É disputado se a assembleia tem que estar no local ou se se pode considerar a comunhão dos santos como sendo assembleia suficiente, aí o padre poderia celebrar sozinho, mas misticamente acompanhado. Há quem diga que a comunhão dos santos faz com que a assembleia sempre exista: ao celebrar uma missa, estamos em comunhão com todos os que tem fé e participam do Corpo de Cristo: vivos e defuntos, presentes e ausentes, Igreja celeste (triunfante e padecente) e Igreja militante (terrestre). Assim, em qualquer missa, toda a Igreja celebra junto e não haveria missa sem assembleia. Mas esse texto aqui não é o local apropriado pra esse tipo de discussão.

⁴ A **Teologia clássica** ensina que o padre (bispo) precisa ter a intenção de celebrar a Eucaristia. Ou na linguagem bakhtiniana: é preciso exercer conscientemente um **ato votivo-volitivo** para realizar uma celebração da Eucaristia. O mesmo se poderia dizer para outras celebrações.

⁵ Deve haver a presença de outro (outros) para que exista o diálogo e a alteridade.

celebração faz com que o padre empreste a sua voz para que os elementos da celebração também louvem a Deus.

Se a teologia clássica falava em **mínimo necessário** para a celebração de uma Eucaristia, hoje pode-se dizer que o presidente agindo e dando sua voz aos elementos da celebração faz com que a graça de Deus se manifeste de forma abundante, de modo que ao mínimo necessário, deveria se contrapor o **máximo gratuito** que nos é dado por Deus. Ele sempre nos extrapola na Graça, mesmo a partir dos menores elementos. A partir de elementos muito simples e singelos, temos a presença da salvação de Cristo, para todos, para todas e para tudo. A partir dos elementos mais singelos, escorre para nós a Graça-Presença de Deus na humanidade. Torna-se parte da **crístificação do universo**, no dizer de T. Chardin.

3 A GESTUALIDADE COMO POLIFONIA

Assim como as roupas manifestam o estilo teológico do presidente, também a gestualidade usada na celebração da missa revela muito dele. Os mais tradicionalistas tendem a ter uma gestualidade mais contida, mais introspectiva, com menos abertura dos braços. Mais silenciosa e levando mais à oração individual, mesmo dentro da celebração comunitária do mistério de Cristo. Também tendem a não suscitar da assembleia uma participação maior por gestos, palmas, cantos ou orações. O conceito de participação ativa apenas se firma no Vaticano II. Antes a participação dos fieis era passiva ou representada pelo(s) coroinha(s) que ajudavam o padre no altar.

Os presidentes de tendência mais ligada à Renovação Carismática Católica (RCC) tendem a uma celebração mais midiática da Eucaristia, valorizando mais a participação da assembleia com palmas e gestos durante a canção. Tendem a um cuidado maior com a beleza e a resplandecência dos paramentos. Tendem a um uso mais emocional de argumentação nos sermões, inspirados em discursos mais pentecostais. Os cantos são mais barulhentos e animados e tocados com instrumentos em alto volume. Tudo se parece a um desempenho religioso, embora não se possa excluir o conceito de oração interna de cada um. Há muitos que sinceramente rezam bem assim. *De interiis neque Ecclesia* (sobre o interior nem a Igreja pode julgar), diziam os latinos. O fato é que essas celebrações, embora barulhentas para o gosto de muitos, são estruturadas em um conceito chave do Vaticano II: participação ativa da assembleia. Enquanto os de estilo mais conservadores creem que a participação

deve ser passiva e contemplativa (conceito mais ajustado à teologia pré Vaticano II), os mais modernos e pentecostais tendem a suscitar da assembleia uma participação ativa maior através de cantos, festas, respostas repetitivas, participação na homilia, etc.

Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com retidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão. Por conseguinte, devem os pastores *de almas vigiar por que não só se observem, na ação litúrgica, as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, ativa e frutuosamente.* (SACROSSANCTUM CONCILIUM, n^o 11, grifo meu).

Nada disso é ingênuo, nem de um lado nem do outro. Ambos sabem bem do que falam e no que acreditam. O que está por debaixo do debate das vestes e gestualidade são posturas eclesiológicas. Quem propugna por uma *participação mais passiva* acredita numa Igreja mais clerical, onde o clero tem maior poder de mando e onde os leigos devem ser mais ovelhas e menos protagonistas. Debaixo das críticas, veladas ou não, temos uma *luta de poder*⁶.

A assembleia conciliar não apostou na uniformidade da monologia, mas na beleza da polifonia, feita a partir de muitas vozes⁷, mesmo que dissonantes em alguns momentos. Por isso, não precisou condenar ninguém, mas nos deu textos exemplares em matéria de tolerância eclesial e eclesiástica: colocou

⁶O que alguns não pensaram mesmo é que o Vaticano II, ao fazer soluções negociadas e colocar nos seus documentos posições antagônicas, queria mesmo dizer que ambas as posturas são boas e devem ter lugar de cidadania na Igreja. Quem propugna que o outro lado desapareça ou se submeta tem um discurso autoritário da monologia, tão criticada por Bakhtin. Ao monologizar o discurso e apagar as outras vozes, uma pessoa está fazendo que o outro desapareça, numa clara manifestação de autoritarismo e silenciamento dentro da Igreja.

Alguns criticam que o Vaticano II foi um concílio pastoral porque não definiu verdades e nem excomungou ninguém. Esse é de fato o seu lado forte, não o fraco. Se no meio dos debates e tendências vários que existiram a assembleia conciliar não condenou ninguém é porque preferiu mostrar que – dentro da Igreja – a fraternidade, a acolhida do diferente e o perdão deveriam prevalecer sempre. Preferiu dizer, pelo silêncio, que todos têm direito de cidadania eclesial dentro dessa Igreja de hoje. Não é por existir tendências diferentes que a Igreja deixará de ser um organismo de salvação em Cristo, como alguns temem até hoje.

⁷ “Representação de uma *coisa* e representação do *homem* (ente falante, em sua essência). O realismo coisifica o homem; ora, esta não é uma maneira de aproximação. O naturalismo, com sua propensão para a explicação causal do ato e do pensamento do homem (*sua* postura de sentido no mundo), coisifica ainda mais o homem. O presumido procedimento “indutivo” próprio do naturalismo nada mais é senão uma explicação causal, coisificante do homem. Por isso, as vozes (no sentido de materialização dos estilos sociais) se tornam simples indício de uma coisa (ou sintoma de processo), excluindo qualquer resposta, qualquer discussão, e nenhuma relação dialógica é possível para tais vozes.” (BAKHTIN, 1992, p. 339-340) “O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém). A palavra é um drama com três personagens (não é um dueto, mas um trio). E representado fora do autor, e não se pode introjetá-lo (introjeção) no autor. Se nada esperamos da palavra, se sabemos de antemão tudo quanto ela pode dizer, esta se separa do diálogo e se coisifica.” (BAKHTIN, 1992, p.350)

posições antagônicas em documentos exemplares de beleza e profundidade teológicas.

Se seguirmos esses caminhos trilhados pelos documentos do Vaticano II, teremos que pensar em gestualidades mais espontâneas, permitindo assimilar os sentimentos do homem contemporâneo, mesmo que correndo riscos em alguns momentos⁸.

Todo conjunto verbal, se for grande e criativo, constitui um sistema de relações marcado pela complexidade e pela pluralidade de seus níveis. Uma atitude fecunda para com a língua exclui a palavra separada da voz, a palavra da pessoa. Em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas (a voz dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente. (BAKHTIN, 1992, p. 353).

Por conjunto verbal, temos que entender também o discurso das **roupas** e da **gestualidade** envolvida em uma assembleia litúrgica. Não é à-toa que os entendidos em modas chamam isso de *dress code*. A veste também apresenta a palavra a ser dita naquele momento: ela por si já é um código não verbal a ser decifrado pelo outro que me vê. Um observador desatento poderia achar que as vestes são apenas vestes. Não se deve esquecer que as vestes e suas cores, assim como o ritual escolhido (com as orações próprias desse dia) são um discurso assumido e escolhido pelo presidente antes ainda de ir ao altar. Antes de qualquer coisa, está a linguagem dos símbolos falando alto a quem chega para a celebração⁹.

As vestes, mais modernas ou mais tradicionais expressam o pensamento e a ação da pessoa que preside. As vestes são escolhidas *antes* de se entrar no altar, assim como o *rito a ser usado* e o *missal* correspondente. Desse modo, a *linguagem* já vai definida como opção pastoral muito antes de se começar a celebração.

⁸ Sendo coerente com sua personalidade e sua linha teológica, o papa Bento XVI já assinalou em vários escritos que a tendência deveria ser a de cortar esses excessos de gestualidade, porque a missa não pode ser um *show*, mas um ritual. Apenas não podemos deixar de lembrar que também o ritual é um discurso, com finalidades e teologias específicas. Comparando-se a gestualidade e as roupas de Bento XVI com as do Papa Francisco vamos percebendo que a eclesiologia de cada um é diferente e é ela que move um e outro a falar e a fazer coisas absolutamente discordantes entre eles. Ao comparar a linha litúrgica e gestual dos dois papas, vemos o quão diferente é a eclesiologia que move cada um. No fundo, cada um deles tem uma Igreja diferente como pano-de-fundo.

⁹ Nem considere aqui a arquitetura e a decoração da igreja onde se desenrola o ritual celebrativo. Ela é – desde a sua construção – um discurso em que os outros discursos têm que se conformar ou confrontar. Não é a mesma coisa celebrar numa construção medieval e numa igreja contemporânea. São construções e disposições muito diferentes. Veja-se a catedral da Sé de São Paulo e a de Brasília (ou a atual do Rio de Janeiro): não estamos falando do mesmo espaço celebrativo.

A própria tradução do missal de Paulo VI comporta várias opções pastorais. Importante notar que a tradução típica para o português do Brasil¹⁰ trás várias orações eucarísticas incorporadas que não existem em outras línguas. A variedade de subculturas e modos de ser (e existir) entre os brasileiros também podem ser expressos na versão oficial do missal. Isso sem contar com todas as versões não oficiais que circulam pelo Brasil (missa crioula, missa sertaneja, missa afro, etc.) Estas manifestações não oficiais de textos denotam opções pastorais que se expressam em vestes, modos de celebrar, *performances* celebrativas diversas que mostram o poder não verbal das liturgias em questão. A tradução do missal atual, em sua variedade de traduções e as adaptações correspondentes a cada país, manifesta já uma polifonia de culturas, mostrando que vozes diferentes em uma mesma Igreja não precisa ser uma coisa ruim, como pensava a hierarquia da Igreja antes do Concílio Vaticano II, crendo que a diversidade enfraquecia a unidade.

Ainda estamos falando de um rito só: o rito Romano¹¹. Mas a Igreja Católica tem ritos orientais, menos conhecidos, porque mais étnicos¹². Com opções seculares de gestos, vestes e línguas, esses ritos manifestam não só a riqueza da Igreja, mas também a localização das culturas acolhidas pelos cristãos no processo de evangelização. Evangelizar não é apenas levar o Evangelho, mas é trazer também as culturas evangelizadas para o seio da Igreja e aprender com elas a falar de Deus e se encontrar com os irmãos. A beleza da diversidade de culturas mundiais se manifesta nas muitas vozes que se expressam nos ritos litúrgicos. E eles já são – em si – um discurso sem palavras sobre a acolhida e a diversidade entre os cristãos católicos.

Há ainda a possibilidade de se analisar as *vestes litúrgicas* dos diversos ritos e as *cores e materiais* que eles usam. Não é indiferente usar uma veste afro ou uma casula romana. Usar uma túnica branca¹³ com estola da cor do dia ou usar uma batina preta, com sobrepeliz e estola pequena. O primeiro visual, mais despojado, indica uma preferência por algo mais moderno e mais confiante na

¹⁰ Existe outra tradução para o português europeu.

¹¹ Na Igreja Latina, há ainda outros ritos que não são o Romano, mais conhecido: Rito Ambrosiano, Rito Moçárabe e o Rito Bracarense (de Braga – Portugal, restaurado em 1918, pelo Sínodo local). Também existe em uso atualmente o Rito Anglicano, como variação do Rito Romano (feito para acolher os antigos anglicanos que passaram recentemente para a Igreja Católica Romana) e o Rito dos Cartuxos, próprio da Ordem.

¹² São: o Bizantino, o de Antioquia, o Alexandrino, o Caldeu e o Arménio.

¹³ A túnica branca, que é de corte mais reto e mais simples, sendo mais ajustada ao corpo, substituiu a alva, de corte mais largo, mais cheia de rendas e quase sempre feita de linho. A túnica quase sempre é feita de tecido mais sintético, o que lhe dá uma característica mais contemporânea.

cultura atual, enquanto que o segundo visual acompanha mais o discurso e a moda litúrgica pré-Vaticano II, com uma teologia mais desconfiada de toda modernidade e inovação. Mesmo seguindo as normas litúrgicas oficiais, ao se optar por uma possibilidade ou por outra (dentro da margem de manobra deixada pelas normas), já se está fazendo uma opção por uma teologia específica.

Na liturgia, se reconhece o padre do mesmo jeito: há os mais clássicos, os mais moderninhos e há os mais étnicos, cada tendência teológica tem o seu correspondente nas roupas. E a celebração da eucaristia é onde isso mais fica latente. São vozes silenciosas que falam por sinais não verbais, mas não menos importantes ou menos eloquentes.

4 A VOZ DA PESSOA DO PRESIDENTE

Não podemos deixar de falar da voz do próprio presidente da celebração. Ele é sempre uma pessoa concreta com expectativas, frustrações e fé. Alguém que tem história e personalidade que não podem deixar de ser consideradas. É claro que a partir de sua cultura, do tom¹⁴ de sua voz e da sua ação emotivo-volitiva as coisas tomam um rumo ou outro. É como a caixa de um violino, dependendo da qualidade do material o som sairá melhor ou pior, mas nítido ou mais abafado.

As muitas vozes se somam à sua própria voz, que também é polifonia. O presidente se parece, ora a um maestro, ora a um cantor que participa do coro. Ao mesmo tempo ele rege, dá a interpretação e o ritmo da música, mas também canta junto, com suas qualidades e com suas limitações de vida e história. Os fieis têm expectativas sobre ele, mas ele tem expectativas sobre a assembleia celebrante. Elas podem ser confirmadas ou não, de ambos os lados¹⁵.

¹⁴ “Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo.” (BAKHTIN, 1992, p. 378)

Como se pode ver, Bakhtin dá uma importância grande ao tom da voz, porque ele é que ajuda a formar a sua própria autoimagem. Com respeito à celebração, a importância não é diferente: pelo tom da voz do padre, nos animamos ou desanimamos na igreja. Entre nós, padres, há alguns que dizem que pelo tom de voz da saudação inicial é possível detectar o que será do resto da celebração.

¹⁵ Como ele precisa ser pastor, ao celebrar ele precisa ter a sua fé confirmada, sua vocação fortalecida e suas feridas curadas pela receptividade ou não das pessoas que celebram com ele. É sempre um caminho de mão dupla e a realização ou não de um presidente também se dá a partir das experiências concretas que ele possa ter de forma positiva ou negativa. É preciso existir um *feedback*, uma acolhida de sua pessoa pela assembleia que concelebra com ele. Sem isso, não há realização pessoal, embora possa haver uma boa

O presidente pode saber cantar – o que é desejável – e fazê-lo de forma afinada e esteticamente relevante, isso vai ajudar não só no próprio ego, mas também na beleza do que se celebra, ficando mais leve o tempo de permanência naquela celebração. O estofo positivo ou negativo de sua pessoa é que vai aos poucos ajuntar os fieis em suas celebrações. É o que vai selecionar naturalmente a sua assembleia. Se antes, com as dificuldades de locomoção as pessoas aturavam um padre durante anos, hoje isso já é bem mais difícil de acontecer. Se não gosta de um padre, troca-se de igreja que tenha outro mais agradável. Portanto, a figura com que o padre exerce o seu desempenho celebrativo vai transparecer na assembleia que celebra. Assim um padre, ao exercer o seu serviço de presidir uma celebração, pela postura que adota, pelo tom de voz e pela figura que revela (simpático ou não, alegre ou não) vai transmitir um discurso não verbal que pode atrair todos ou apenas um tipo específico de pessoas. A pessoa do padre então é simbólica no sentido de aglutinar as pessoas ou não, de levá-las para Deus ou afastá-las do Senhor Jesus.

O emotivo-volitivo aqui conta muito: é ele que dá o tom e que pode ajudar ou atrapalhar a assembleia a rezar. Mesmo desafinados, conheço padres que atraem somente pelo sorriso ou pela alegria que põem no que falam. Ou na empatia que conseguem criar com as pessoas. Mesmo tendo performance medíocre, conseguem atrair as pessoas e direcioná-las para o Cristo. A diferença entre os estilos de Bento XVI e Francisco demonstram isso claramente: mesmo se esmerando mais nas vestes e no ritual, mesmo cantando mais, Bento XVI não conseguia atrair as pessoas como Francisco o faz, sem tanto esforço, sem tanto ritual e mesmo sem cantar nas celebrações.

5 A VOZ DO REPRESENTANTE DA COMUNIDADE

O celebrante que prega não só fala em nome de Cristo ou em nome da Igreja: ele é também a voz das pessoas que são daquela comunidade. Ele vive, conversa, faz reuniões, desenvolve trabalhos durante a semana e incentiva as pessoas com a perspectiva de novas frentes. Ele tem outras tarefas de unir e coordenar a comunidade. De certa forma, se torna também o aglutinador das pessoas e das opiniões dos grupos. Ao pregar e celebrar, ele o faz para pessoas concretas que conhece e que coordena. Por isso, tem que dizer algo que seja

celebração. A realização pessoal não é exigida como matéria para a celebração de uma Eucaristia, mas em longo prazo, a sua falta faz com que se esvazie o sentido de serviço e de permanência na vocação. Uma experiência frustrante em uma celebração não faz problema, mas muitas vão formando uma linha de atuação que pode levar a azedar a vida toda.

mais do que uma palavra oficial: ser misericordioso e promover a cura dos relacionamentos doloridos no seu rebanho.

Ele deve e pode ser um pastor, alguém como um irmão mais velho na fé que possa ajudar as pessoas que celebram com ele a crescer e desenvolver a sua vivência cristã. (1Tm 4,16) Embora possa ser jovem, exerce um ministério de uma pessoa mais velha (1Tm 4,12). Para tal, é preciso que ele saiba não só o que vai dizer, mas o momento e o modo como dizer, para incentivar e corrigir as pessoas e as situações. É preciso conhecer o contexto e as pessoas que atuam nele, percebendo onde tem seus pontos fracos, mas onde tem os seus fortes.

Ele é voz que resume o melhor e o pior da experiência de fé. Será, então, um interlocutor que resume o pensamento e a ação daquela comunidade. Percebendo ou não, exerce a eficácia do contexto para as pessoas que estão ali e podem unir-se como assembleia de cristãos que querem celebrar e manter viva a fé no mundo em que vivem.

Sem ser a voz do contexto, a celebração será absolutamente estética e bonita, mas sem tocar os sentimentos e a vida das pessoas, de modo que não se pode exercer a cura de uma ferida sem abrir a caixa dos remédios e tomá-los. Não se pode exercitar a fé sem começar um plano de exercícios. Não se pode fazer nada de concreto com discursos gerais. O presidente, ao pregar, não só resume a fé e o entendimento de uma comunidade, mas também aplica o remédio sabendo das necessidades de cura que essa comunidade tem. Ao fazê-lo ele é a voz de todos, resumo de tudo o que acontece na semana e reverbera na celebração da eucaristia, como ponto de chegada e como recolhimento da vida. O presidente é cristão e vive a sua vida de fé coletivamente, ecoando em seu discurso os problemas e as soluções de todos.

6 A VOZ DA IGREJA NA HOMILIA

Ao ser ordenado, o padre não só assume uma *persona*, mas também uma nova identidade. Ele agora fala em nome da Igreja, enquanto instituição e como comunidade cristã. Tendo estudado todo o discurso teológico da Igreja, ele tem a capacidade de manusear os conceitos e a lógica da instituição e aplicar no contexto que ele trabalha e com quem convive. O que fala tem um peso oficial para muitos que o ouvem. O que fala é palavra da Igreja, num sentido mais amplo do termo. Quando ele dá aulas ou quando prega a palavra de Deus, fazendo a homilia, as pessoas o escutam *como padre*, ou seja, como pessoa pública e não como um cristão qualquer. Pela força da ordenação realizada, ele é

sempre visto como um cristão padre. Não há como separar as coisas mais, mesmo que queira.

A Igreja diz que o padre é sempre padre, que a sua ordenação o tocou e o marcou no seu interior, na sua ontologia¹⁶. Na celebração da Eucaristia o fenômeno é mais forte: o que ele fala é sempre visto como palavra oficial, a voz da Igreja. Enquanto ele celebra é visto e ouvido não só como pessoa, mas como ministro da Igreja que ele integra. Acaba sendo uma palavra de peso, pois sua palavra – durante a celebração da Eucaristia – quer ser uma explicação do Evangelho a partir de um ponto de vista oficial e uma palavra curativa, cuidadora das pessoas que estão naquela celebração.

Não é à-toa que a Igreja reserva a homilia à pessoa de um membro ordenado (diácono, bispo ou padre) para que exerça esse ministério da Palavra, esse *múnus de ensinar*¹⁷. A Igreja tem toda uma série de normas sobre as pregações a ser feitas, tanto durante a semana, como durante os domingos ou em ocasiões com maior concorrência de povo. Se ela não pensasse que a pregação fosse importante e não percebesse que isso se faz em nome dela, a Igreja jamais legislaria com esmero. É porque sabe que a voz do presidente se faz a sua voz que ela não deixa as coisas soltas. Sabe da necessidade da pregação e do seu peso diante dos católicos. É pela pregação dominical que os católicos são formados e fortalecidos na fé. Um trabalho que está na voz e na descrição do ministro que preside a Eucaristia.

7 A VOZ DE CRISTO

Ao analisar o contexto comunicacional da celebração e da pessoa do celebrante, precisamos decodificar as vozes que aparecem aí: a voz de Cristo, que aparece nos Evangelhos e em Paulo: “*Tomai e comei. Tomai e bebei. Fazei isso em memória de mim*”. (Mt 26,26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22,14-18; 1Cor 11, 23-27). Repetir essas palavras em contexto celebrativo tem um poder de

¹⁶ “Este sacramento configura o ordinando com Cristo por uma graça especial do Espírito Santo, a fim de servir de instrumento de Cristo em favor da sua Igreja. Pela ordenação, recebe-se a capacidade de agir como representante de Cristo, cabeça da Igreja, na sua tríplice função de sacerdote, profeta e rei. Tal como no caso do Batismo e da Confirmação, esta participação na função de Cristo é dada uma vez por todas. O sacramento da Ordem confere, também ele, um *carácter espiritual indelével*, e não pode ser repetido nem conferido para um tempo limitado. Uma pessoa validamente ordenada pode, é certo, por graves motivos, ser dispensada das obrigações e funções decorrentes da ordenação, ou ser proibido de as exercer: mas já não pode voltar a ser leigo, no sentido estrito (8o), porque o carácter impresso pela ordenação fica para sempre. A vocação e a missão recebidas no dia da ordenação marcam-no de modo permanente.” (CATECISMO DE IGREJA CATÓLICA, n^{os} 1581-1583).

¹⁷ O Código de Direito Canônico tem os seguintes cânones sobre esse assunto: 528, 762 a 772.

evocação (memória) e de atualização do antigo (presença) que ultrapassam a pessoa do celebrante que as fala: ele é naquele momento celebrativo a pessoa de Cristo. Faz as suas vezes. Ou como diria a teologia em forma mais clássica e oficial: ele age *in persona Christi*, na pessoa de Cristo. O celebrante, ao presidir uma comunidade cristã é a pessoa visível de Cristo, no momento mesmo que pronuncia essas palavras. Isso dá toda a força para que possa falar em nome dele para aquelas pessoas que estão aí.

O padre¹⁸ foi ordenado em cerimônia pública e nele a Igreja reconhece o *poder de dizer em nome de Cristo as suas palavras mais fundamentais*. Reconhece também a possibilidade de proclamar, em nome de Cristo, o seu evangelho. É a palavra oficial da Igreja que configura a oficialidade do padre de repetir em nome do Cristo o que ele mesmo deixou como herança-memória-possibilidade. Essa é a primeira (e quem sabe a mais forte) voz que ressoa na pessoa do padre/presidente de uma celebração: é o Cristo que fala por ele. Por isso, o padre é uma figura pública e sagrada: é o contexto de sacralidade que brota do contexto celebrativo e transborda para todos os outros aspectos da sua vida¹⁹. Assim, a teologia fala do padre como um homem sagrado e o inconsciente coletivo da Igreja Católica o vê também dessa forma.

A valorização pública de sua figura depende do contexto e da época. Mas em contexto cristão e católico, o padre, pela possibilidade de dizer uma palavra que tem força, é uma figura a ser reverenciada. A voz de Cristo ressoa pelo seu corpo, pela sua garganta e chega a nós hoje, com outro timbre, mas sempre a voz do Cristo morto e ressuscitado. Essa voz é fundamental ao celebrante: ele precisa antes ser reconhecido de forma pública e institucional como sendo representante de Cristo, falando a sua voz. É a Igreja que dá a voz de Cristo à voz do padre. Sem ela, ele não pode fazer nada: seria uma impertinência sagrada, um abuso da fé, uma profanação.

Estranho dizer que a voz de Cristo é dada pela Igreja? É a Igreja que proclamou o cânon das Escrituras, transformando papeis e relatos religiosos sobre a pessoa de Cristo em Evangelhos: narrações autorizadas e de fé para

18 Ou o bispo. Em alguns casos, também se aplica ao diácono o que falamos sobre a pessoa do celebrante.

19 Após alguns meses da ordenação, todo neossacerdote percebe o peso da estola. Tudo que ele disser ou fizer será pensado com mais força: seus erros e seus acertos. Tudo é visto na perspectiva de Cristo, do sagrado presente nele. Claro que ele continua sendo sujeito a falhas de raciocínio e ação equivocada, mas agora tudo tem um peso maior. É a voz de Cristo que as pessoas enxergam nele agora: antes não enxergavam, mas agora o fazem. Ele fala em nome de Cristo, mesmo fora do contexto da celebração em que ele é autorizado a fazê-lo. E ele será sempre julgado (pela comunidade cristã e pelos de fora dela) por causa de ser padre, pelo bem e pelo mal que fizer.

todos os cristãos. Embora possa existir disputa entre os textos canônicos da Bíblia em relação ao Antigo Testamento, católicos e protestantes não disputam sobre os textos dos Evangelhos. Foi a comunidade cristã (Igreja) que compilou a Bíblia e não o contrário.

A Tradição de que falamos aqui é a que vem dos Apóstolos. Ela transmite o que estes receberam do ensino e do exemplo de Jesus e aprenderam pelo Espírito Santo. De fato, a primeira geração de cristãos não tinha ainda um Novo Testamento escrito, e o próprio Novo Testamento testemunha o processo da Tradição viva. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n.º 83)

No caso da celebração eucarística acontece o mesmo: é a voz oficial da Igreja que dá a voz ao padre para que seja voz de Cristo. E é a partir dela, que ele começa a ser visto de forma teologicamente diferente, já que a sua figura humana não mudou nada. A teologia fala em modificação *ontológica*: a partir de dentro. Mas é sempre um outro (a Igreja em nome de Deus) que nos modifica por dentro. A partir desse momento da ordenação, a sua palavra tem força de modificar a fé, pela consagração, pela proclamação do Evangelho ou na explicação do mesmo. Ele será agora uma palavra viva e oficial do Cristo para quem tem fé. Essa é uma aposta na fé da pessoa e na fé da Igreja.

Existe aí um *excedente de visão*²⁰: as pessoas não veem mais o padre como pessoa apenas, mas sempre como padre, pessoa sagrada. Mesmo que ele olhe no espelho, ou que se veja celebrando através das lentes de uma câmera, ele agora é visto com a lente de Cristo pelos outros. Coisa que ele não pode fazer em si mesmo. Os outros agora o enxergam melhor do que ele mesmo se vê. Sabem mais dele do que ele mesmo, porque o veem pelo lado externo, mas por todos os ângulos possíveis (incluindo o da fé), coisa que ele mesmo não consegue.

²⁰ Esse primeiro aspecto cria a ilusão de que o herói se mantém em sua integridade, de que conservou sua posição interior, sua própria prática de percepção de si mesmo, de que só tem de se haver consigo mesmo e com mais ninguém, de que é *independente, livre de qualquer domínio*, e graças a essa ilusão, o autor penetra no âmago do herói e o mantém totalmente sob seu domínio, impregna-o totalmente de sua atividade à qual o herói se abandona de livre e espontânea vontade. O autor, todavia, a fim de exercer seu poder sobre o herói nesse nível interior íntimo, deve apurar-se até alcançar uma *exotopia* puramente *interior* a respeito do herói, tem de renunciar a aproveitar sua exotopia espacial e sua exotopia temporal exterior (a exotopia exterior só é útil para a concepção clara de uma ficção romanesca concluída) e do *excedente de visão* e de conhecimento relacionado com elas, até ocupar uma posição exclusivamente axiológica, situada *fora da trajetória do escopo interior do herói* (e não fora do homem em seu todo), fora do *eu*, deixado tenso por esse escopo, fora da trajetória da relação pura que o herói eventualmente poderia estabelecer consigo mesmo. E o herói, independente exteriormente, não o é no interior de si mesmo, em seus valores: o *outro*, que o penetrou, o mantém afastado de uma trajetória que poderia desembocar numa relação de valor consigo mesmo, e impede que essa relação se torne a única força capaz de dar uma forma ao herói e de organizar-lhe a vida interior (ele o impedirá de arrepende-se, de suplicar, de superar a si mesmo)... – BAKHTIN, 1992, p. 182-183

8 VOZES “NÃO OFICIAIS”

Mas não podemos falar apenas das vozes e problemas oficiais. Celebrar a Eucaristia, ocupando a cadeira do presidente, é mais do que chegar e dirigir um grupo de oração. E na pessoa do presidente da celebração recaem também outras vozes, nem tão oficiais.

Na pessoa do presidente são projetadas todas as expectativas e frustrações dos que vêm a uma celebração. Tudo aquilo que o fiel traz do seu dia e da sua vida ele quer ver ressonar na celebração. Ele quer que algo (palavras, gestos, música, homilia) tenha sintonia com a sua vida. Algo que lhe toque. Se isso acontecer, ele ficará muito contente. Se não acontecer, ele pode ficar muito decepcionado. Especialmente nessa época que vivemos, cheia de *stress* e das mais várias frustrações. O fiel que vem a uma celebração quer ser, de algum meio tocado com o toque de Deus.

Mas um presidente, por melhor que conduza a celebração, não consegue tocar a toda uma assembleia porque cada um tem expectativas variadas e elas podem se multiplicar ao infinito. Desta forma, os fieis vão experimentando os celebrantes que lhes interessam, que falam ou agem de forma que eles sejam tocados. Em algum tempo depois da troca de padres numa paróquia, o grupo começa a ficar homogêneo: os que se satisfazem com esse celebrante permanecem, os que não, procuram outro lugar, outro padre. Aos poucos, a assembleia vira a “cara do celebrante”.

Esse fenômeno parece dar a impressão de que – a partir daí – as coisas tendem a ser monológicas. Engano. As expectativas continuam porque são variáveis como o dia, como as frustrações que se têm. Apenas estamos vendo uma seleção que naturalmente ocorre: algo parecido com a afinação das cordas de um violão. Elas continuam diferentes, mas se estão afinadas, na diferença rendem acordes bonitos. As expectativas são projetadas para a pessoa daquele celebrante, mas agora o número delas não é mais infinito, tendendo a se formar um círculo delimitado, que pode variar com o número, com a assembleia, com as suas preocupações e frustrações.

A compreensão estreita do dialogismo concebido como discussão, polêmica, paródia. Estas são formas externas, visíveis, embora rudimentares, do dialogismo. O crédito concedido à palavra do outro, a acolhida fervorosa dada à palavra sacra (de autoridade), a iniciação, a busca do sentido profundo, a concordância, com suas infinitas graduações e matizes (sem restrições de ordem lógica ou reticências de ordem puramente factual), a estratificação de um sentido que se sobrepõe a outro sentido, de uma voz que se sobrepõe a outra voz, o

fortalecimento pela fusão (mas não a identificação), a compreensão que completa, que ultrapassa os limites da coisa compreendida, etc. Estas relações específicas não podem ser resumidas a uma relação puramente lógica, ou a uma relação puramente factual. É aqui que se encontram, em toda a sua integridade, posições, pessoas (a pessoa prescinde de revelação extensiva: pode manifestar-se por um único som, revelar-se por uma única palavra), justamente vozes. (BAKHTIN, 1992, p. 350)

Jesus celebrou a Ceia num contexto judaico, de Páscoa. Durante a Ceia, a atitude de Pedro (Jo 13,6-9) era diferente da de Judas (Jo 13,2-3. 30), da expectativa dos filhos de Zebedeu ou dos outros (Jo 16,17-31). Diferente inclusive da expectativa do chamado “discípulo amado” (Jo 13,22-25), que não sabemos ao certo se era João Evangelista ou não. Ele reinventou totalmente a Ceia de Páscoa judaica a partir da sua vida e da sua entrega. Mas os discípulos tinham desejos diferentes que queriam ver realizados em Jesus.

Na pessoa do presidente da celebração são jogadas as expectativas e as frustrações dos que estão na assembleia e todas elas reverberam nele. Como as expectativas são variadas e inúmeras e não existe solução fácil e mágica para os problemas, a melhor coisa a fazer é ser autêntico celebrando com alegria e a partir do que se crê, sem falsas posturas e falsos discursos. Foi a solução de Jesus: ele reinventou a Ceia Pascal judaica a partir de sua missão e sua pregação e só perdeu um daqueles que estavam com ele. A partir da marginalidade que ele vivia com relação à sociedade de seu tempo, Jesus recria todo o significado da celebração que preside pela última vez. E o faz com tanta verdade e coerência que pode fazer uma revolução na cabeça, na vida e na fé dos seus discípulos.

Se o presidente da celebração tiver sensibilidade para perceber também essas vozes não-oficiais, que brotam das expectativas das pessoas que vêm a uma celebração, ele poderá conduzir a comunidade a uma celebração mais eficaz e profunda do mistério cristão. Aqui brota o emotivo-volitivo daquele que preside: escutar os silêncios, o não-dito, as expectativas, as crises de sentido do homem comum, as coisas guardadas no coração. Isso faz toda a diferença na condução de uma celebração. É o que pode dar vida ou o que pode matar a disposição de uma assembleia. O diálogo entre Deus e os homens feito nas celebrações continua, mas o que preside pode ajudar a assembleia orante a escutar o que Deus diz ou bloquear completamente sua voz, fazendo ressoar a voz humana do que preside ou apenas o narcisismo de nossa própria realidade, que nos impede de ir além e avante. Quando o presidente é bom ele faz dialogar as vozes oficiais que ressoam e falam através dele com as vozes não-oficiais dos discursos que a assembleia traz a cada celebração.

9 DIÁLOGOS QUE CONTINUAM

Em sua celebração, o presidente vai valorizar e apagar vozes, segundo o seu interesse teológico, suas preferências pessoais e suas expectativas emotivo-volitivas, isso sem deixar de lado o planejamento a médio e longo prazo que ele possa ter (ou não). Tudo isso, vai aparecer nas vozes que ele seleciona para fazer a música que lhe interessa. Mesmo apagando vozes, ele ainda está compondo a polifonia que é capaz e que lhe interessa. Mesmo o silêncio faz parte da música. A música tem consciência dos silêncios que ela dispõe. É a partir dos silêncios que se dão o ritmo e a harmonia.

A pessoa do presidente varia muito e ele tem uma grande margem de manobra no momento de presidir uma celebração diante de uma assembleia. Seu rosto, seus gestos, sua fala é que darão o tom da celebração. Até o vocabulário das orações do missal pode ser adaptado ou não, segundo a sua ótica, seus interesses e sua teologia. Na homilia, a escolha da problemática e da visão que vai ser dada é responsabilidade e decisão de quem vai pregar. Mesmo que ele transfira para outro o conteúdo, copiando a partir de um site ou de um livro, ainda assim está na responsabilidade e na sua decisão inalienável. Transferir a responsabilidade já é uma decisão de responsabilidade.

Neste preciso ponto particular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e espaço singular de um existir único. E é em redor desse ponto que se dispõe todo o existir singular e irrepetível. Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais. (BAKHTIN, 2012, p. 96)

Não há alibi que nos escuse de viver, nem do presidente de tomar as rédeas numa celebração. É isso que faz com que uma celebração eucarística seja absolutamente diferente de outra, mesmo tendo os mesmos ritos, os mesmos tempos, os mesmos textos litúrgicos. As vozes que falam ou silenciam, só falam ou silenciam a partir da pessoa que está na direção/presidência de uma celebração em particular. Nele ressoam todas as vozes e nele é que se sente o sabor e a qualidade delas. E não há como ser de outro modo, não há alibi possível. Mesmo sendo uma grande responsabilidade, mesmo sendo uma graça profunda, mesmo sendo necessário ter um *feedback* humano, tudo o que se faz ou deixa de fazer em uma celebração acaba sendo de alguma forma passado pela pessoa do presidente. Músicos, leitores, equipe de acolhida, local usado, tudo acaba vibrando na pessoa de quem que está lá, presidindo em nome de Cristo. Ele é o nó, a confluência de todas elas, para que não fiquem pontas soltas na ação de Deus, em sua Igreja.

Essas vozes não são teológicas todas elas (algumas são humanas demais, outras tem a ação de Deus contando com nossa participação), mas em todos os casos, o presidente não pode correr da responsabilidade, do peso e da graça que ele exerce naquele momento. O celebrar a Eucaristia é um momento único, em que participam as vozes do céu e as vozes da terra, em todos os sentidos possíveis. E é nessa polifonia que se manifesta a graça e a presença de Deus à comunidade cristã. Como em Emaús, quando os discípulos abrem os olhos e conseguem enxergar a presença do Mestre Ressuscitado, ele desaparece (Lc 24, 13-34). Ele não os abandonou, mas está presente em cada celebração e nos envia a ser suas vozes na arena tão ruidosa do mundo. Assim, ele nos torna mais uma voz a ressoar no vozerio da humanidade. Vozes são meios de Deus se manifestar. Não devemos silenciá-las.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (V.VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo, Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável** – trad. aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski** – trad. direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra, UFF_USP, 4. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARDIN, P. T. – **Écrits scientifiques**. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/chardin_teilhard_de/Ecrits_scientifiques/Ecrits_scientifiques.pdf. Acesso em: 8 de abril de 2013.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, texto oficial em português. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf. Acesso em: 24 de outubro de 2012.

MISSAL DOMINICAL E FESTIVO - Ano C (org. intr. e catequeses de Frei Almir R. Guimarães, OFM) – 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

SACROSANCTUM CONCILIUM, Constituição Conciliar Sobre A Sagrada Liturgia, texto oficial em português, disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

TODOROV, Tzvetan –Prefácio, p. 1-22. In: BAKHTIN, M. - **Estética da criação verbal**. Trad. feita a partir do francês Maria E. Galvão G. Pereira, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Recebido em 18/02/ 2015
Aprovado em 15/04/ 2015